

---

## ESCRITAS DE RESISTÊNCIA: POESIA FEMININA NORDESTINA

Joseane dos Santos Silva<sup>1</sup>  
Carolina Barbosa Lima e Santos<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a escrita feminina na poesia nordestina brasileira e, mais especificamente, alagoana, a partir da análise de obras de Rosália Sandoval, Anilda Leão e Arriete Vilela. Propomos uma análise de poemas de cada uma dessas três autoras que, embora tenham vivido e produzido literatura em momentos históricos diferentes, mantêm afinidades estéticas e temáticas em seus respectivos projetos artísticos ao abordarem a memória, a condição humana e a resistência da figura social feminina. Neste sentido, adiantamos que a poesia de Rosália Sandoval, Anilda Leão e Arriete Vilela atesta a importância literária, histórica e cultural de recuperar vozes historicamente silenciadas pelo cânone literário brasileiro. Para o desenvolvimento deste trabalho, valemo-nos de estudos propostos por autoras como Izabel Brandão e Elaine Cristina Rapôso Santos.

**Palavras-Chave:** Poesia feminina. Rosália Sandoval. Anilda Leão. Arriete Vilela.

## WRITINGS OF RESISTANCE: NORTHEASTERN WOMEN'S POETRY

**Abstract:** This paper aims to reflect on female writing in Brazilian poetry, and more specifically, in Alagoas, based on the analysis of works by Rosália Sandoval, Anilda Leão and Arriete Vilela. We propose an analysis of the poems of each of these three authors who, although they lived and produced literature in different historical moments, maintain aesthetic and thematic affinities in their respective artistic projects when addressing memory, the human condition and resistance of the female social figure. In this sense, we advance that the poetry of Rosália Sandoval, Anilda Leão and Arriete Vilela attests to the literary, historical and cultural importance of rescuing little-known names, giving voice and place to those who existed/exist, but are silenced. To develop this paper, we used studies proposed by authors such as Izabel Brandão and Elaine Cristina Rapôso Santos.

**Keywords:** Feminine poetry. Rosália Sandoval. Anilda Leão. Arriete Vilela.

## INTRODUÇÃO: O ESPAÇO DA LITERATURA FEMININA NO CENÁRIO DA POESIA ALAGOANA

Tomemos como ponto de partida para essa discussão a provocação feita pelo historiador Moacir Santana, citado por Brandão (2002, p.29), em entrevista às autoras no Arquivo Público em outubro de 1993: “não há literatura de mulheres em Alagoas, e se há, é muito pouco”. Ora,

---

<sup>1</sup> Graduada no curso de Letras-Português da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: joseane.silva@fale.ufal.br

<sup>2</sup> Doutora em estudos literários pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Atua como professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas. Email: carolsartomen@gmail.com.

em uma sociedade de silenciamento e apagamento histórico do papel da mulher em sua formação política e cultural, escritoras alagoanas, poetas, muitas mães, donas de casa, professoras, estudantes, ativistas, encontraram pouco espaço na literatura, mas não deixaram de falar e expressar seu fazer artístico. Suas vozes passaram a surgir no cenário literário durante a primeira metade do século XX, principalmente na imprensa de Alagoas, por meio majoritariamente de sonetos sobre o amor, festas e tristeza pelos socialmente desvalidos. Conforme explana Brandão:

[...] as mulheres que publicavam em Alagoas revelam suas inquietações, angústias e informam seus pensamentos no contexto de uma sociedade fechada, que tinha na imprensa um veículo de divulgação de ideias e muitas vezes, de brigas políticas relativas às tendências contrárias presentes no jogo político do Estado, algo que várias ocasiões levou a censura e à destruição e empastelamento dos jornais publicados em Alagoas (Brandão, 2002, p.31).

A produção poética feminina em Alagoas tem uma trajetória marcada por desafios, assim como toda a literatura feminina no Brasil. Durante muito tempo, as mulheres enfrentaram dificuldades para se estabelecer no meio literário, mas, ainda assim, várias poetas alagoanas conseguiram se destacar. No final do século XIX e início do século XX, com a influência do modernismo e do pós-modernismo, poetas alagoanas invadem o cenário literário, principalmente nas colunas de jornais, explorando novos temas, como identidade feminina, existencialismo e crítica social.

Destacamos, aqui, três poetas de diferentes fases literárias, mas que se aproximam por denominadores estéticos comuns e por temas que perpassam a vida da maioria das mulheres alagoanas: Rosália Sandoval (1876-1956), nascida em Maceió, escritora, poeta e educadora, dedicou-se à produção intelectual abordando temas do cotidiano e colaborando na configuração de livros didáticos. Anilda Leão (1923–2012), escritora, atriz e militante feminista. Considerada rebelde desde muito nova, teve seu primeiro poema publicado aos 13 anos. Sua produção poética tornou-se um espaço de transgressão e crítica social trabalhado por meio de uma abordagem sensível a temas como amor, experiências humanas e tabus sociais que permeavam a sua contemporaneidade, como virgindade, homossexualidade e prostituição. Em continuidade a essa poesia feminina engajada, destaca-se na contemporaneidade a poesia de Arriete Vilela (1949), poeta, contista e romancista nascida em Marechal Deodoro. Foi professora de Literatura Brasileira na Universidade Federal de Alagoas e possui uma vasta produção literária que

abrange poesia, prosa poética e narrativa. Suas obras são marcadas por uma linguagem lírica que explora temas como memória, infância e condição humana.

## 1. ROSÁLIA SANDOVAL E A AFIRMAÇÃO DA EXISTÊNCIA POÉTICA FEMININA NO SÉCULO XIX

Rosália Sandoval é uma poeta nascida em Maceió, Alagoas, provavelmente em 1876, e falecida em 1956, aos 80 anos, no Rio de Janeiro. Apesar das dificuldades relacionadas à sua origem mestiça, feminina e pobre, conseguiu firmar seu nome na imprensa e publicar uma produção literária vasta atuando como escritora, poeta e educadora. Em 1994, a escritora foi homenageada com o Prêmio Rosália Sandoval, instituído por Ari Lins Pedrosa, com o objetivo de divulgar a obra de poetas alagoanos.

A dificuldade em resgatar informações sobre sua vida e obra por pesquisadores como Luciana Fonseca Oliveira demonstram o apagamento de escritoras, principalmente alagoanas, que já existiram e que por diversos fatores foram relegadas da história literária. Ao não reconhecimento de Sandoval, Graciliano Ramos (apud. Fonseca, 2002) explica, ao defender sua literatura, que ela estava fora da ‘panelinha acadêmica’ da literatura alagoana de sua época. Entre os achados sobre sua vida, sabe-se que foi órfão de pai, sem informações sobre a sua mãe, teve dois irmãos, entre eles o poeta Sebastião Abreu, um dos fundadores da Academia Alagoana de Letras, o qual tinha apreço, mas que morreu cedo. Além de seus trabalhos como escritora, atuou como professora e educadora. Em 1918, publicou o livro didático *Através da Infância*, voltado para o ensino primário, e o *Curso Elementar de Português em Pequenos Exercícios Práticos* (1921), contribuindo para a formação educacional da época. Solteira, sem registro de casamentos, quando mais velha, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde viveu até o fim de sua vida.

Sandoval produziu, por quase meio século, periódicos, revistas literárias, almanaques, diários, textos manuscritos e livros didáticos, que se tornaram sua principal fonte de renda. Entre a diversidade de seus textos, destacam-se as obras: *Através da Infância* (1918), *Quando as Roseiras Floriram* (1947), *Curso Elementar de Português em Pequenos Exercícios Práticos* (1921), *Preces à Humanidade* (1954), *Queda e Ascensão* (1952), *Versos Alheios* (1930) e *Violetas* (1922). Em sua literatura, a autora procura abordar temas comuns do cotidiano.

Na sociedade alagoana onde a mulher era/é tida como improdutiva ou inferior no seu intelecto e mundo artístico, Rosália Sandoval não só driblou o público acadêmico ao abordar temas comuns de seu cotidiano e ao produzir livros didáticos, como também conquistou seu espaço, enfrentando o preconceito recebido por sua condição de assumir-se mulher, poeta, solteira, pobre e mestiça, sobrevivendo, assim, às custas de seu trabalho, lutando com a linguagem no contexto tradicional. (Fonseca, 2002, p.41).

Entre sua vasta produção literária, Sandoval colaborou com o *Almanaque de lembranças Luso-brasileiro*, produzido no período de 1896 a 1914, escrevendo textos em poesia, prosa e logogrifos. De sua poesia em almanaques, destacamos *Saudações* (1900), dedicado à poeta D. Ibrantina Cardona. Nele, Sandoval exalta a homenageada admirada por sua escrita, descrita como “meiga fada”, “sacerdotisa de um ideal risonho”:

#### **Saudações**

Ao ler o teu livro, oh flor das Musas,  
Repassado de um róseo idealismo,  
Sorvi a tragos todo esse lirismo  
Mais doce que o olhar das andaluzas!  
Plectros – escrínio de custosas prendas,  
Onde canta a sorrir a poesia:  
Jardim, onde a ligeira Fantasia  
De filigranas levantou as lendas.  
Vejo em teu livro irradiações divinas!  
E os teus versos, na lira perfumada,  
Às vezes têm as cores da alvorada,  
– Outras – o perfume das campinas.  
O teu livro sonoro, oh! poetisa,  
Feito de luz de estrelas e de auroras...  
Sinto, ao tocá-lo, as vibrações canoras...  
E aspiro o encanto do rumor da brisa. (...)

*Saudações* é uma exaltação à poesia e à inspiração feminina. Trata-se de uma saudação (como sugere o título) à Ibrantina que, assim como Sandoval, parecia fazer parte de um grupo de escritoras que encontrava no fazer literário a possibilidade de entrar em um mundo até então masculino. A obra da autora homenageada é descrita com encantamento, beleza e lirismo. É um elogio à sensibilidade, à criatividade e à arte de escrever poesia. Rosália Sandoval constrói uma ode à sensibilidade artística e à beleza da criação poética, utilizando uma linguagem rica em imagens sensoriais, metáforas e sinestésias.

O poema segue uma estrutura fixa, com versos decassílabos e rimas emparelhadas ou interpoladas. O tom é de admiração e elevação, característico da poesia parnasiana, com traços de simbolismo. O uso de imagens sensoriais — cores, perfumes, sons — demonstra uma

tentativa da voz lírica em elevar a experiência estética de leitura à transcendência espiritual. No decorrer do texto, podemos notar o uso de recursos estilísticos, como metáforas e comparações, em versos como “repassado de um róseo idealismo”. O idealismo evocado no poema é descrito como colorido em rosa, expressando doçura e leveza. No verso “mais doce que o olhar das andaluzas”, notamos uma comparação hiperbólica que valoriza a suavidade do objeto poético. Na passagem “plectros – escrínio de custosas prendas”, evidencia-se a associação da poesia a um estojo valioso (escrínio), como se os versos fossem joias. Em “feito de luz de estrelas e de auroras”, observamos uma metáfora que expressa o ideal de pureza, beleza e origem quase divina da inspiração poética. Há também a presença de sinestesia, elemento típico do simbolismo, nos versos “sinto, ao tocá-lo, as vibrações canoras” (evidencia-se a mistura de sensações táteis e auditivas) e “aspiro o encanto do rumor da brisa” (uma confluência entre olfato e audição). Outro recurso que se destaca no texto é a personificação no verso “onde canta a sorrir a poesia”, em que a poesia ganha vida e emoção.

No início do poema, a voz poética expressa encanto ao se deparar com a obra da poeta homenageada: "Ao ler o teu livro, oh flor das Musas, / Repassado de um róseo idealismo...". Aqui, a autora associa a poeta a uma “flor das Musas”, sugerindo que essa figura é uma fonte de inspiração divina. A produção literária da poeta homenageada é comparada a um *escrínio de jóias poéticas*, reforçando-se a ideia de que os versos são tesouros preciosos, encerrando beleza e valor artístico. A poesia de Ibrantina, no poema de Sandoval, é personificada, sorri e canta, em um tom de leveza e ludismo.

A voz lírica enxerga na poesia de Ibrantina uma espécie de luz celestial, capaz de promover transcendência na experiência comum de leitura: "Vejo em teu livro irradiações divinas!". Além disso, a poeta homenageada, no poema de Sandoval, é representada como uma voz capaz de provocar sensações múltiplas por meio de suas palavras: "Às vezes têm as cores da alvorada, / – outras – o perfume das campinas." Esses versos procuram expressar a ideia de que a poesia de Ibrantina pode potencializar a visão e o olfato em uma experiência sensorial quase mágica para o leitor. O tom de reverência se intensifica ao final do trecho analisado, quando a voz afirma: "Sinto, ao tocá-lo, as vibrações canoras... / E aspiro o encanto do rumor da brisa". Aqui, a sinestesia atinge seu ápice, o eu lírico “sente” sons e “aspira” rumores, revelando como a poesia pode ultrapassar os limites da linguagem racional e alcançar o sensível, o intuitivo e o sublime.

Enfim, em *Saudações*, Rosália Sandoval propõe um tributo à força da poesia e à arte de criar beleza com palavras, homenageando uma mulher poeta que admira e que assim como ela resiste e existe na arte poética. Celebra-se a poesia como algo quase sagrado, capaz de emocionar, elevar e envolver todos os sentidos e valoriza-se a figura feminina como mediadora dessa experiência espiritual e artística.

## **2. ANILDA LEÃO E A MEMÓRIA NA BUSCA PELA IDENTIDADE E PELO SIGNIFICADO DA EXISTÊNCIA FEMININA**

Anilda Leão (1923–2012) foi uma das figuras mais importantes da literatura alagoana do século XX. Poeta, escritora, atriz e militante feminista, sua produção literária é marcada por uma abordagem sensível e profunda de temas como amor, experiência humana, relações sociais e, principalmente, dificuldades e sentimentos da condição feminina. É autora de poemas, contos, crônicas e memórias, expressando sua versatilidade literária.

Filha de Joaquim de Barros Leão e de Georgina de Barros Leão, Anilda Leão nasceu em 15 de julho de 1923, em Maceió. Seu pai foi um comerciante respeitado em Maceió que participava ativamente de mobilizações trabalhistas, foi membro do conselho fiscal da PRODUBAN e secretário do Jornal de Alagoas, elegeu-se deputado e chegou a ser indicado a prefeito da capital durante o governo de Arnon de Mello. Anilda realizou seus estudos em escolas renomadas de seu tempo, formando-se em Ciências Contábeis pela Escola Técnica Federal de Alagoas. Estudou música, declamação, oratória, dicção, canto oral e lírico no Conservatório Alagoano de Música (Ticianelli, 2016).

Seus primeiros passos na literatura foram dados quando começou a escrever para jornais e revistas locais. Seu primeiro poema, publicado aos 13 anos, gira em torno do universo da criança abandonada. Casou-se com o poeta, jornalista e escritor Carlos Moliterno, em 1953, aos 30 anos de idade, com quem teve dois filhos. O casamento durou 45 anos até a morte de seu marido, em 1998, que deixou um legado de dois livros de poesia, *Desencontro* e *A Ilha*, e o ensaio antológico *Notas Sobre Poesia Moderna em Alagoas*. Suas redes de convivência permitiram, conseqüentemente, que a autora ocupasse lugares de prestígio e passasse a ter reconhecimento em vida por sua contribuição literária e artística, algo que outras mulheres, como Rosália Sandoval, não puderam usufruir, assim como atuar em uma carreira versátil de “contista, poetisa, atriz e gestora cultural, os quais lhe permitiram demonstrar suas visões

políticas e feministas. Esses espaços corroboraram, de outro modo, o movimento de suas ideias, as quais comungavam com boa parte dos intelectuais das suas redes de sociabilidade” (Sena e Santos, 2022, p. 110).

Sendo uma das escritoras mais respeitadas em Alagoas e em todo o Brasil, especialmente no contexto da literatura regionalista, seu trabalho foi amplamente reconhecido por sua sensibilidade e profundidade ao tratar da condição humana e da experiência feminina. Ela também desempenhou um papel importante na promoção da cultura literária e na formação de novos escritores. Membro da Associação Alagoana de Imprensa (AAI), integrou o Centro da Mulher Alagoana, o Conselho Estadual de Mulheres e a Fundação Teotônio Vilela. Destacase, na sua história, seu envolvimento com a Academia Alagoana de Letras.

A poesia de Anilda Leão é desenvolvida por meio de uma escrita introspectiva e sensível, contemplando temáticas de cunho existencial, sempre voltada para o universo feminino e o relacionamento com o tempo. Sua obra tem um tom fortemente emocional, abordando temas como solidão, figura feminina, envelhecimento e suas implicações emocionais e físicas, memória, juventude perdida, morte, etc. Sua linguagem é atravessada por um aspecto melancólico, expressando um estado de espírito atravessado por dúvidas e angústias inerentes à condição humana.

Entre suas principais obras poéticas, destacam-se: *Chão de Pedras (1961)*, *Chuvas de Verão (1974)*, *Poemas Marcados (1978)* e *Círculo Mágico (e outros nem tanto) (1993)*. Para refletirmos sobre sua poética e analisarmos sua aproximação com outras autoras e temas que perpassam a escrita feminina alagoana, propomos a leitura de *Poema da minha idade*, no qual a voz poética faz uma reflexão existencial sobre o envelhecimento, o tempo e a memória. A poeta revisita o passado em um viés melancólico, expressando sua consciência a respeito da transitoriedade da vida. Ela narra, em primeira pessoa, o contraste entre o que foi e o que restou tanto do corpo quanto de sua alma.

**Poema da minha idade**

Eu carrego dentro de mim,  
o peso de uma idade morta,  
de uma idade sem definições e sem porquês.  
Na minha face extinta,  
marcada pelo tempo,  
eu trago impressos os instantes envelhecidos,  
os momentos mortos,  
das coisas belas que me deslumbraram na vida.  
Eu trago no meu corpo já sem formas,  
vestígios da minha adolescência perdida,

Quando eu era dona dos caminhos,  
soberana do tempo e dos astros.  
Nos meus olhos já sem brilho,  
se reflete o cansaço das viagens longas,  
de roteiros intermináveis  
e sem pouso certo.  
E as pegadas que vou deixando ficar pelo caminho,  
vão marcando os dias, as horas, os minutos,  
dos momentos que vivi no meu passado,  
dentro da minha infância longínqua,  
quando eu sabia conversar com as estrelas...

No poema, a autora faz uso de uma linguagem simples e introspectiva, profundamente emocional, utilizando repetições e paralelismos para reforçar a ideia de ciclo e insistência do tempo, a partir da alusão a imagens como rosto, corpo, olhos, pegadas. Há, ainda, metáforas relacionadas ao tempo e à memória: “viagens”, “roteiros”, “pegadas”. A voz poética começa o poema reconhecendo a “idade morta”, uma idade que já não possui definições ou explicações. Propõe-se uma reflexão em torno de um tempo vivido, mas perdido: “Eu carrego dentro de mim, /o peso de uma idade morta, / de uma idade sem definições e sem porquês”. Expressa-se um devaneio em torno da sensação de que se vive uma idade em que a vida já não tem mais sentido. Configura-se um lamento frente ao esgotamento de seu tempo de vida. Dessa maneira, o “peso” evocado em seu poema simboliza tanto o corpo envelhecido quanto as experiências que não podem mais ser vividas da mesma maneira.

À medida em que o poema avança, a voz poética reflete sobre o seu corpo envelhecido, que carrega as marcas do passado, a perda da juventude e da vitalidade. O corpo, que já não tem “formas”, guarda apenas “vestígios da minha adolescência perdida”: “Eu trago no meu corpo já sem formas, / vestígios da minha adolescência perdida”. A poeta traz à tona o contraste entre a energia e o poder da juventude e o desgaste do corpo ao longo do tempo. O “corpo sem formas” indica, portanto, a fragilidade e as limitações impostas pelo envelhecimento.

A perda da juventude é percebida por meio desses olhos que já não refletem o brilho da juventude e do sonho, mas sim o cansaço e as cicatrizes de uma vida experienciada intensamente. Os “olhos já sem brilho” trazem o peso da experiência, das “viagens longas” e dos “roteiros intermináveis”: “Nos meus olhos já sem brilho, / se reflete o cansaço das viagens longas, / de roteiros intermináveis”. A imagem dos “olhos sem brilho” parece simbolizar o desgaste das energias físicas e emocionais, mas também uma certa sabedoria alcançada com o envelhecimento.

No final do poema, o eu lírico se volta para o passado distante da infância, momento em que experienciou uma conexão pura e direta com o mundo e o universo. A referência a “conversar com as estrelas” sugere uma fase mágica e cheia de possibilidades, quando tudo parecia ao alcance da imaginação: “quando eu sabia conversar com as estrelas...”. Assim, a infância é retratada como um momento de encantamento, de harmonia com o cosmos, em contraste com a complexidade e o cansaço da vida adulta e da velhice.

Dessa forma, podemos observar no poema de Anilda Leão uma reflexão sobre o envelhecimento, a perda de poder e a memória de um tempo passado. A poeta utiliza recursos de metáforas e imagens sensoriais para criar uma atmosfera melancólica e introspectiva, reconhecendo a perda da plenitude que a infância e a juventude são capazes de proporcionar, mas também afirmando a sabedoria conquistada com o envelhecimento e as longas viagens que vivenciou durante seus anos de exploração e conhecimento, revelando a busca pela identidade e pelo significado da existência feminina, marca dessa poesia feminina alagoana.

### **3. ARRIETE VILELA E A POESIA FEMININA ALAGOANA CONTEMPORÂNEA: MEMÓRIA, EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA**

Na contemporaneidade, destacamos o projeto poético de Arriete Vilela, Mestre em Literatura Brasileira e professora aposentada da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Natural da cidade de Marechal Deodoro, mudou-se para Maceió aos nove anos, onde fez graduação em Letras na UFAL. Posteriormente, fez mestrado na Universidade Federal da Paraíba. Membro da Academia Alagoana de Letras desde 1996, a autora tem recebido reconhecimento em trabalhos acadêmicos e já ganhou mais de 30 prêmios, tanto em âmbito regional como nacional, dentre os quais destacam-se: Prêmio Organização Arnon de Melo – pela Academia Alagoana de Letras; Prêmio Cecília Meireles – União Brasileira de Escritores (UBE); Prêmio Jorge de Lima – pela Academia Carioca de Letras e União Brasileira de Escritores (RJ). Em 2002, em sua homenagem, a biblioteca setorial do programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFAL passou a se chamar Biblioteca Escritora Arriete Vilela.

Poeta, contista e romancista, Arriete Vilela publicou as seguintes obras: *Para além do avesso da corda* (1980); *Farpa* (1988); *Fantasia e avesso* (1986); *A rede do anjo* (1992); *Dos destroços, o resgate* (*Gazeta de Alagoas*); *O ócio dos anjos ignorados* (1995); *Tardios afetos*

(1999); *Vadios afetos* (1999); *Artesanias da palavra* (Antologia de poemas, com participação de outros poetas); *Maria Flor etc.* (2002); *Grande baú, a infância* (2003); *Frêmitos* (2004); *A Palavra sem Âncora* (2005); *Lãs ao vento* (2005); *Ávidas paixões, áridos amores* (2007); *Palavras em travessia* (2009); *Obra Poética Reunida* (2010); *Contos Reunidos* (2011).

Interessa-nos, aqui, desenvolver uma leitura de alguns poemas publicados em *Obra poética reunida* (2010), que contempla diversas temáticas trabalhadas em obras anteriores, como o amor e seus desencontros, a ancestralidade, a solidão, e a necessidade de conhecer-se e conhecer o outro, principalmente a partir da memória e suas experiências passadas.

No poema aqui analisado, é possível perceber o duplo exercício da voz lírica: enquanto evoca seus antepassados, utiliza a metalinguagem para refletir sobre sua própria escrita como lugar de resistência, construído por influência de vozes femininas que puderam ser ouvidas e por outras que apesar de silenciadas possibilitaram a luta pelo espaço que hoje a voz poética feminina pode ocupar. Vejamos o poema extraído de *Obra poética reunida* (2010), publicado inicialmente em *Palavras em Travessia* (2009):

**Poema 60**

Esses passos solitários  
em círculos  
sob a lua  
trazem-me o inexistente colo  
da bisavó.  
Careço dos laços que enfeitam  
as mulheres que se foram parindo umas às outras  
- e delas nasci.  
são laços ora tecidos com o mais forte cipó  
oras com o fio de sisal  
ternos e criativos,  
que adornam as mais improváveis  
licenças poéticas.  
Essas mulheres não sabem  
que hoje peregrino solitária  
por entre palavras vãs que não resgatam  
devidamente  
seu patrimônio de afeto.  
(2009, p.74)

No poema composto por três estrofes, de construção livre e fluida, sem rimas fixas ou métrica rigorosa, marcas da poesia contemporânea, a voz lírica se expressa de forma e visceral, refletindo sobre sua subjetividade e os laços estabelecidos e perdidos com mulheres essenciais para sua vida e arte. O poema começa com a construção imagética de “passos solitários em círculos sob a lua”, que sugere uma ideia de repetição, de um movimento que não leva a lugar

---

nenhum, mas também de um ciclo que está em busca de algo ou alguém. A lua, com seu simbolismo associado à iluminação e ao mistério, pode indicar a busca por respostas no escuro, um caminho solitário, mas essencial. Daí emerge a figura da “bisavó”, fortemente associada à ideia de ancestralidade e memória. A voz poética expressa o desejo de encontrar o colo dessa figura, sugerindo a busca por uma conexão profunda com sua história e origens, com a intenção de entender seu presente, e revelando a principal característica da lírica memorialística de Arriete Vilela.

O processo de construção poética da obra arrieteana desenvolve-se, principalmente, no sentido de apontar a literatura como uma possibilidade de reescrita da vida das mulheres que habitam seus poemas. Dessa forma, a linguagem, na ponta do lápis, retorce e retece os conteúdos que são apreendidos pela memória, conferindo-lhes um novo lugar na realidade. Esse é um processo constante, no qual se realiza a tentativa de reconstrução do vivido, a partir da reelaboração dos conteúdos que provocaram dor. A poesia adquire, nesse contexto, um significado muito importante para o modo como a autora apresenta, em seus textos, a relação com o passado, uma vez que se configura como uma via por meio da qual as dores são sublimadas (Santos, 2020).

É nesse sentido que a evocação da figura da bisavó, feita pela voz lírica feminina, revela seu anseio em conectar-se com seus laços de afeto e sabedoria. No verso “Careço dos laços que enfeitam/as mulheres que se foram parindo umas às outras – e delas nasci”, a voz lírica revela um ciclo contínuo de gerações femininas que se sucedem, perpetuando a vida e as experiências. A expressão “delas nasci” expressa a ideia de que a voz poética é parte dessa linhagem feminina, enfatizada com a metáfora “laços tecidos”, ora feitos com o mais forte “cipó”, reflexo das lutas e dificuldades vivenciadas pelas mulheres para existir tanto na vida quanto na própria literatura, ora com “fio de sisal”, simbolizando os vínculos ternos e criativos utilizados pelas mulheres em suas formações identitárias e em suas formas de existir e resistir ao sistema patriarcal da literatura, ao marcarem suas existências escrevendo a respeito de temas considerados comuns e adequados às mulheres de cada tempo – como família, amor, casamento, maternidade –, ao mesmo tempo em que transgredirem essas regras veladas, ao falarem sobre questões sociais e políticas, ainda que escondidas em pseudônimos. Portanto, a metáfora do laço é tanto uma ideia relacionada à união quanto a pertencimento.

Na última estrofe, em que há a passagem “peregrino solitária por entre palavras vãs”, a voz poética feminina expressa que, apesar do esforço, as palavras não conseguem trazer de volta o afeto perdido ou restaurar completamente as raízes que ela busca. Aqui, é possível perceber que o eu lírico tem conhecimento da importância dos fios que o relacionam com outras mulheres que o ajudaram a tecer sua escrita, sem deixar de compreender que suas próprias

palavras são "vãs", ou seja, insuficientes, incapazes de resgatar o "patrimônio de afeto" das mulheres do passado.

Por fim, o *Poema 60* expressa uma meditação sobre a busca por raízes, afeto e pertencimento por meio da figura feminina ancestral. A solidão da voz poética, suas peregrinações "por palavras vãs" e a ausência do "colo da bisavó" e dos laços que formam a identidade feminina sugerem uma perda de conexão com o passado e a dificuldade de reconstruir esse elo perdido. Nota-se, ainda, que o poema celebra a continuidade e a resistência da linhagem feminina, que, embora distante, permanece a influenciar e moldar a voz poética, mesmo que de forma invisível ou ausente.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faedrich, em *Memória e amnésia sexista: repertórios de exclusão das escritoras oitocentistas*, reflete sobre a hostilidade para com mulheres escritoras oitocentistas e problematiza o funcionamento do mecanismo de apagamento de obras literárias desenvolvidas por mulheres da memória brasileira. Na perspectiva da estudiosa, esse apagamento acontece por meio da crítica literária predominantemente formada por homens e pela falta de espaços de produção e divulgação para a literatura produzida por mulheres. A dificuldade de encontrar registros e acessar obras das poetisas apresentadas no presente estudo evidenciam a razoabilidade da ideia proposta por Faedrich. Se essa dificuldade tornou essa pesquisa desafiadora, evidencia a necessidade crescente da promoção de estudos e críticas que valorizem e façam emergir a produção literária dessas escritoras alagoanas que, mesmo produzindo em diferentes épocas, expressam uma afinidade temática em seus respectivos projetos que perpassam as vidas, as identidades, os sonhos e os desejos dessas mulheres.

Rosália, Anilda e Arriete compartilham, em suas obras poéticas, o interesse por temas como introspecção, memória e reflexão sobre a condição humana, expressam linguagens com forte tom emocional e revelam a complexidade do sujeito humano e de sua relação com o tempo, o corpo e a alma. Todas as três autoras, de diferentes formas, voltam-se para o passado como uma forma de exploração e reflexão. O tempo, nessas obras, surge relacionado à memória, a um campo de emoções, a lembranças e a experiências passadas. Nota-se, ainda, a preocupação das poetisas em abordar a figura da mulher e sua condição social, afetiva e emocional.

Nessas obras, resistentes ao tempo e às tentativas de apagamento, encontramos diferentes vozes femininas com particularidades estilísticas e temáticas, mas que em certos momentos parecem se aproximar para encenarem juntas a profundidade do universo feminino, a transitoriedade da vida e a busca constante pelo reconhecimento de si, seja no contexto pessoal, social ou literário.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Izabel, À margem das Alagoas: retratos de uma pesquisa. In: BRANDÃO, Izabel; ALVES, Ivía (Org.). **Retratos à margem**: antologia de escritoras das Alagoas e Bahia (1900-1950). Maceió: EDUFAL, 2002.

FAEDRICH, Ana. Memória e amnésia sexista: repertórios de exclusão das escritoras oitocentistas. **Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS**, Porto Alegre, v. 11, n. esp. (supl. 1), p. 164-177, set. 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/30477>. Acesso em: 26 mar. 2025.

FILGUEIRA, Letícia Isabelle Alexandre. Arriete Vilela: A palavra poética e memória. **Nordestinos a ler**, 26 dez. 2022. disponível em: <https://nordestinadosaler.com.br/2022/12/arriete-vilela-a-palavra-poetica-e-memoria/>.

FONSECA, Luciana. Rosália Sandoval. In: BRANDÃO, Izabel; ALVES, Ivía (Org.). **Retratos à margem**: antologia de escritoras das Alagoas e Bahia (1900-1950). Maceió: EDUFAL, 2002.

LEÃO, Anilda. **Chão de pedras**. Maceió: Caetés, 1961.

SANTOS, Elaine Cristina Rapôso. Memória e esquecimento na poesia de Arriete Vilela. **Fórum Lit. Bras. Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 12, nº 24, pp. 15-53, dez. 2020.

SENA, Fabiana; SANTOS, Ângela Maria dos. A escritora Anilda Leão no contexto cultural de Alagoas. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 70, p. 99–113, 2022. DOI: 10.12957/teias.2022.67438. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/67438>. Acesso em: 17 abril. 2025.

TICIANELI, Edberto. **Anilda Leão**, uma vida em trânsito. 2016. Disponível em <https://www.historiadealagoas.com.br/anilda-leao.html>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2025.

VILELA, Arriete. **Obra poética reunida**. Maceió: Poligraf, 2010.

VILELA, Arriete. **Palavras em travessia**. Maceió: Grafmarques, 2009.